



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, para O Jornal, de Alagoas
Publicada em 14 de julho de 2009**

Jornalista: A presença do senhor em Alagoas hoje se deve à inauguração de uma obra do PAC, propaganda positiva para o governo federal e para o governo do Estado, que é tucano. Como se explica essa boa relação entre o senhor e o governador Teotônio Vilela Filho? Veremos eventos como o de hoje em 2010, ano das eleições?

Presidente: Uma das coisas que mais me deixam feliz no governo é ter inaugurado uma nova forma de relacionamento da União com os estados e os municípios. Ao longo desses anos todos, nós criamos vários fóruns permanentes de diálogo entre os três níveis de governo. Um exemplo é o CAF – Comitê de Articulação Federativa – onde as entidades nacionais de prefeitos se reúnem com 19 ministérios para, de comum acordo, definir uma série de avanços para os municípios. Outro exemplo é a presença permanente de representantes do meu governo nos Fóruns Regionais de Governadores, como o do Nordeste, onde nos sentamos para discutir os problemas e desafios da Região. Quando assumi o governo, eu disse para toda a minha equipe: não importa o nome do governador ou do prefeito, não importa de que partidos eles são, o que importa é o que a população está precisando. E determinei que as regiões tradicionalmente esquecidas, que sofrem muito com os erros do passado, deveriam ter uma atenção especial. É o caso de Alagoas, que tem potencial econômico e social riquíssimo para se desenvolver. Incluímos todas as obras necessárias do estado no PAC, demos um tratamento diferenciado à questão da dívida, envolvemos todos os ministérios das políticas sociais e temos tido uma forte presença de ministros no estado. As obras que



inauguramos hoje são apenas um demonstrativo dessa relação, que é boa para Alagoas e é boa para o Brasil. Sobre eventos como o de hoje, a não ser nos períodos em que a legislação eleitoral proíbe, vou manter o ritmo até o último dia do meu governo.

Jornalista Como seu partido vai trabalhar o quadro eleitoral no único Estado em que o senhor foi derrotado em 2006? A decisão do seu partido de se aliar ao prefeito Cícero Almeida, do PP, já é parte da estratégia 2010 em Alagoas?

Presidente: Eu estou convencido de que todos os partidos que compõem a coalizão do meu governo vão estar juntos em 2010, para defendermos este projeto de mudanças que estamos construindo para o Brasil. Até lá, vamos ter muitas conversas e articulações com as lideranças nacionais e regionais nesse sentido. O prefeito Cícero Almeida, como integrante do PP, já faz parte desse grande conjunto de forças aliadas em nível federal, o que facilita o entendimento no âmbito local. Temos aqui em Alagoas lideranças importantes de partidos que apóiam e participam do meu governo que terão um papel decisivo na disputa em 2010: prefeitos da capital e de grandes cidades, ex-prefeitos e ex-prefeitas, deputados federais e senadores. Nosso esforço é para todos os partidos da coalizão estarem juntos, inclusive nos estados, mas sabemos que em alguns deles, as disputas locais não permitem. Nesses casos, como já houve em eleições passadas, os partidos podem concorrer nos estados e manter a coligação na esfera federal.

Jornalista: O setor sucroalcooleiro é responsável por milhares de empregos no Brasil e no Nordeste. O governo federal pretende adotar alguma política para o setor que enfrenta dificuldades de financiamento diante da crise financeira internacional?



Presidente: O setor sucroalcooleiro apresentou nos últimos anos um desempenho extraordinário em relação à capacidade de investimentos e de expansão, ao potencial de exportação e à absorção de mão-de-obra. Por essas razões, nosso governo já vem tomando diversas medidas para ajudar o setor a atravessar esse período de crise financeira internacional. Por exemplo, em 2007, o BNDES havia destinado R\$ 3,7 bilhões em investimentos para o setor e, no ano passado, quando a crise internacional se aprofundou, esse volume chegou a R\$ 6,5 bilhões, e este ano, chegará a R\$ 11,3 bilhões, valor recorde para a instituição. Ou seja, em apenas dois anos, o aumento chegará a 205%. Criamos também uma linha de crédito especial de R\$ 2,3 bilhões, operada pelo Banco do Brasil e pelo BNDES, para financiar a estocagem estratégica da produção nacional de etanol para o período da entressafra. Promovemos também uma ampla negociação de dívidas rurais por meio da Lei 11.775, de 2008, com a concessão de descontos para liquidação antecipada de dívidas, ampliação de prazos para pagamento, redução das taxas de juros e de encargos, etc. Entre várias outras medidas, quero destacar a redução do IPI para estimular a venda de carros. Trata-se de um apoio indireto e, ao mesmo tempo extremamente eficiente, ao setor, uma vez que em meio à crise, as vendas de veículos vêm batendo recordes no Brasil. No primeiro semestre deste ano, por exemplo, em função da desoneração, emplacamos mais de 1,2 milhão de veículos flexfuel, o que representa quase 90% do total de veículos comerciais leves negociados no país.

Jornalista: De que forma o governo trabalha a abertura do mercado por parte dos países mais desenvolvidos para o etanol brasileiro?

Presidente: O esforço primeiro é para combater a falsa idéia de que os biocombustíveis são responsáveis pelo aumento dos preços dos alimentos. Aliás, a própria realidade já se encarregou de nos dar razão. Em 2008, a



produção de biocombustíveis aumentou em relação a 2007 e ao mesmo tempo houve uma redução dos preços das *commodities* agrícolas. Para que não haja restrições de outros países em relação à questão ambiental, estamos finalizando os termos do Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar, que, entre outros pontos, proíbe a plantação nos biomas Amazônia e Pantanal, em áreas de produção de alimentos, áreas de vegetação original etc. Sobre as condições de trabalho, lançamos o Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar. O Compromisso prevê, entre vários outros pontos, a contratação direta de trabalhadores, eliminando o chamado “gato”, melhores condições de saúde, segurança no trabalho e eliminação do analfabetismo. Nos fóruns internacionais estamos combatendo os subsídios que alguns países desenvolvidos concedem para a produção de grãos e que são, muitas vezes, canalizados para a produção de etanol. E trabalhamos também para a eliminação das tarifas que muitos deles impõem à importação do nosso etanol, de cana-de-açúcar, de muito maior eficiência energética. Mas só haverá um mercado internacional para o etanol, quando houver segurança no abastecimento contínuo do produto. Estamos estimulando países pobres da África e da América do Sul a produzir etanol, para que eles ajudem a formar um mercado internacional e ao mesmo tempo tenham uma excelente opção de renda para suas populações. Mas para a transformação do etanol em *commodity* é necessário também a sua padronização técnica – para isso, o Brasil vem atuando em ação conjunta do INMETRO com o National Institute of Standards and Technology, dos Estados Unidos. E temos absoluta convicção de que o etanol de cana-de-açúcar é um dos combustíveis do futuro. À medida que os países desenvolvidos começarem efetivamente a cumprir metas de redução da emissão de gases do efeito estufa, seus mercados terão que se abrir para o nosso etanol.

Jornalista: Caso o Congresso Nacional aprove o terceiro mandato para chefes



do executivo, o senhor analisa a possibilidade de concorrer a um terceiro mandato?

Presidente: Volta e meia surgem aqui e ali propostas de mudança da Constituição, de modo a abrir a possibilidade do terceiro mandato, ou então de se fazer uma consulta popular neste sentido. Eu sou e sempre fui contra. Acho que a alternância de poder é essencial na democracia. Além disso, quando fui eleito pela segunda vez, não havia a possibilidade de terceiro mandato e eu não concordo em mudar as regras no meio do jogo. Seria puro casuísmo. Eu não vou brincar com a democracia. Vou continuar trabalhando pelo País, mas em outras trincheiras. Recentemente, a Câmara arquivou a Proposta de Emenda à Constituição que permitiria a re-reeleição. Acho que o assunto está encerrado.

(\$31DHKL)